



doi: 10.20396/rfe.v12i3.8660762

**A lenda *O riso de Demócrito e o pranto de Heráclito*:
origens e desenvolvimentos históricos**
The Laughing of Democritus and the Weeping of
Heraclitus legend: Origins and Historical Developments

Ibrahim Campos¹
Walter Lima²

Resumo:

O artigo explora as fontes históricas da lenda *O riso de Demócrito e o pranto de Heráclito*, com destaque para a antiguidade greco-romana e para a modernidade renascentista. É realizado um estudo genealógico da referida lenda, seguido da análise de três obras: as *Cartas do Pseudo-Hipócrates* (c. século I d.C.) e os discursos oratórios de Antônio Vieira (*Le lacrime d'Eraclito*) e de Girolamo Cattaneo (*Il riso di Democrito*) (1674). Diante da tirania da felicidade que se impõe nas sociedades contemporâneas, o resgate desse construto cultural milenar serve como *locus* de reflexão sobre prudencialidade ética e condição humana.

Palavras-chave: História da filosofia. Riso de Demócrito. Pranto de Heráclito.

Abstract:

The paper explores the historical sources of the legend *The Laughter of Democritus and the Weeping of Heraclitus*, with emphasis on Greco-Roman antiquity and Renaissance modernity. After a genealogical study of this legend, three works are analyzed: the *Pseudo-Hippocratic Letter Correspondence* (c. 1st

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (PPGE/UFAL). Mestre em Droit de l'environnement, de l'aménagement et de l'urbanisme (CRIDEAU/OMIJ) (França). Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor universitário e pesquisador, com experiência em assessoria jurídica e contencioso administrativo e judicial, tendo realizado pesquisas na França.

² Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (1988), Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (1995) e Doutorado em Educação (Filosofia e Educação) pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Fez Estágio Pós-Doutorado na Université Rennes II: Centre de recherche sur l'éducation, les apprentissages et la didactique (CREAD). Professor Titular da Universidade Federal de Alagoas, no Centro de Educação.

century AD) and the oratory speeches by Antônio Vieira (*The Tears of Heraclitus*) and by Girolamo Cattaneo (*The laughter of Democritus*) (1674). Faced with the tyranny of happiness that imposes itself in contemporary societies, the rescue of this millennial cultural construct is used as a *locus* for reflection on ethical prudence and human condition.

Keywords: History of philosophy. Democritus' laughter. Heraclitus' weep.

Introdução

No texto *Filosofias em Leilão*, de Luciano de Samósata (século II d.C.), Zeus organiza um leilão, atuando Hermes como pregoeiro e vendedor, o qual convoca as vidas filosóficas, uma a uma, para serem vendidas. Em certo momento, Zeus manda Hermes chamar “o risonho de Abdera e o chorão de Éfeso” (SAMÓSATA, 2013, p. 165), pois pretendia vendê-los em conjunto. “Ó Zeus! Que contraste!”, observou desde logo o comprador. Após este ouvir razões, risos e lágrimas, nenhum dos dois é vendido.

Se tal leilão ocorresse nos dias atuais, provavelmente tais modelos de vida filosófica sequer entrariam em negociação com o comprador. Estariam fora do mercado... É que o riso de Demócrito não é o riso das teatralidades e das representações sociais tão valorizado no hodierno. O primeiro, expressão espiritual; o outro, esmalte dental que a vida gregária insiste em destacar.

Também por medo das lágrimas, da negação da tristeza, a sociedade contemporânea do exibicionismo e das imagens cintilantes de felicidade nos incita a rir, a gritar de rir, imediata e constantemente, sobretudo para os outros ou contra os outros, de modo a expurgar qualquer resquício de vulnerabilidade que nos mova para fora da controlabilidade racional e organizada do cotidiano individual e social.

Ao contrário da frouxidão ou arrebetamento da corda do arco e da lira, lembrando fragmento de Heráclito, deve-se regular o primeiro e afinar a segunda, a fim de se buscar uma harmonia tensional dos opostos do riso e do pranto, do júbilo e das lágrimas.

Este estudo objetiva realizar uma incursão na história da filosofia, valendo-se da lenda concernente ao riso de Demócrito, o *filósofo risonho*, e ao pranto de Heráclito, o *filósofo chorão*, assim conhecidos desde a cultura romana. São evidenciados alguns traços constituintes dessa lenda forjada e desenvolvida na filosofia, na retórica, na literatura e nas artes, com destaque para a antiguidade greco-romana e para a modernidade renascentista. Trata-se, secundariamente, de buscar um contraponto à tirania da felicidade que se impõe nas sociedades contemporâneas, da qual o humor derrisório de Demócrito não saberia deixar de rir e o pranto de Heráclito deixar de lamentar.

1 Genealogia da lenda

Nenhuma obra integralmente conservada dos pré-socráticos, dentre eles Demócrito de Abdera e Heráclito de Éfeso, chegou até nós. Conhecemo-los apenas por fontes indiretas, ou seja, por autores que, previamente às respectivas teorizações, recuperaram o pensamento desses notáveis, ou por autores que apresentaram a história da filosofia (STÖRIG, 2012, p. 153), ambos os trabalhos podendo ser enquadrados na denominação de doxografia.³ Outra fonte indireta são os fragmentos dos próprios pré-socráticos, citados, *in litteris*, em escritos de pensadores a eles posteriores (BARNES, 2000, p. 21-22; STÖRIG, 2012, p. 153).

Segundo Onfray (2007, p. 54), falta acerto no enquadramento de Demócrito, pela história da filosofia, como um pré-socrático, pois Sócrates (c. 469 a.C. - 399) e Demócrito (c. 460 a.C. - 356) teriam sido contemporâneos, embora igual crítica não se possa fazer a Heráclito, que viveu aproximadamente de 540 a.C. a 470, antes, portanto de Sócrates. Tampouco prospera a concepção segundo a qual se tratariam de pré-

³ Segundo Mansfeld (2008, p. 66): “‘Doxógrafo e ‘doxografia’ não existem em grego antigo, antes são neologismos cunhados pelo próprio [Hermann] Diels [1848–1922], presumivelmente para contrastar fundamentalmente com ‘biógrafo’ e biografia’, um gênero em que ele julgava, em princípio, não se poder confiar. A doxografia se ocupa das *dóxai*, as ‘opiniões’ ou ‘pareceres’ (também chamados de *dokoûnta* ou *aréskonta*; em latim, *placita* ou *opiniones*)”.

filósofos, pois seriam tão filósofos como Sócrates e Platão, embora seguissem filosofias diferentes, de modo respectivo, pelo viés da totalidade e da oposição dicotômica (ONFRAY, 2007, p. 56-57).

Demócrito, gênio enciclopédico, escreveu obras sobre ética, física, matemática, literatura, música e técnica, apresentando, destarte, uma inclinação teórica a diversos campos do conhecimento humano, embora nos respectivos fragmentos os estudos sobre a física pareçam ter maior relevo que a ética (LAËRTIOS, 2008, p. 263, p.). Demócrito é conhecido, juntamente com Leucipo, como o pai do atomismo, concepção materialista segundo a qual tudo é feito de átomos e de vazio. Os átomos, infinitos em tamanho e número, geram todas as coisas, inclusive a alma (LAËRTIOS, 2008, p. 262-263), perspectiva contrária, pois, ao idealismo platônico.

No campo da ética democritiana, um conceito nuclear é a *euthymia* (εὐθυμία), traduzida por bom ânimo ou bom humor. Para que ela exista, necessário sejam satisfeitas duas condições, quais sejam, a simetria, o equilíbrio ou a justa medida da alma, combinada com a ataraxia (imperturbabilidade das paixões), levando o homem, assim, à felicidade (PEIXOTO, 2006, p. 179).

Nesse sentido, a *euthymia* (εὐθυμία) é a razão do riso de Demócrito (PEIXOTO, 2006, p. 180), a afirmar um hedonismo forjado não nos prazeres e experiências corpóreo-sensoriais, mas na contemplação do equilíbrio e da serenidade da alma (BARNES, 2000, p. 623-625). Se os ânimos e as paixões não podem ser extirpados da vida humana, podem, ao menos, ser equilibrados ou arrançados com o uso otimista da razão.

O doxógrafo Diógenes Laércio (1988) (c. séc. III d.C.) narra que Demócrito teria escrito uma obra dedicada ao tema, *Peri euthymia* (Sobre o bom-humor), podendo ter sido essa a origem da reputação de Demócrito como homem de boa disposição, por extensão, alegre (LUTZ, 1954, p. 310), aliada a uma concepção materialista que resume tudo ao movimento e à combinação de átomos.

A igual entendimento adere Lepage (2012, p. 84), para quem Demócrito ficou conhecido, a partir do mundo romano, como o *filósofo*

risonho, por sua ética hedonista voltada ao bem-estar, à alegria e à felicidade, sendo essa nota a que prevalece na tradição grega e a que se lhe seguiu, tendo referido epíteto vindo à luz na época de Horácio (65 a.C. - 8) (CARTLEDGE, 2001, p. 60), calhando mencionar, do mesmo autor, as *Epístolas*, embora a primeira referência ao riso de Demócrito, na literatura antiga, esteja na retórica de Cícero (106 a.C.-43), especificamente no livro II da obra *De oratore* (Do orador)⁴ (LUTZ, 1954, p. 311).

Outra associação literária ao riso de Demócrito vem das *Cartas do Pseudo-Hipócrates*, obra de meados do século I d.C. (LUTZ, 1954, p. 311), em que os abderitas escrevem a Hipócrates de Cós a fim de que este verificasse se o excesso de sabedoria trouxera o desvario para Demócrito, que ria de tudo e de todos.

O outro polo da lenda, Heráclito de Éfeso, foi cognominado de *filósofo obscuro* em razão de seu estilo de escrita enigmático e de difícil compreensão. Tal alcunha remonta a Tímon de Fliunte (séc. III a.C.), que o chamou de αἰνιγτής, “aquele que se exprime por enigmas” (KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 2010, p. 189; LAËRTIOS, 2008, p. 252), posteriormente chamado de σχοτεινός, *obscurus* em latim (KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 2010, p. 189).

A esse respeito, Sócrates, após ler a obra de Heráclito, teria dito a seguinte anedota: “A parte que entendi é excelente, tanto quanto – atrevo-me a dizer – a parte que não entendi, porém seria necessário um mergulhador délio⁵ para chegar ao fundo” (LAËRTIOS, 2008, p. 53). Segundo o mesmo doxógrafo (2008, p. 254), Heráclito teria sido convidado por Dário, rei dos persas, a ir até seu palácio para explicar uma obra sobre a natureza, diante da controvérsia entre os literatos sobre a significação dela.

⁴ Assim Cícero, por meio do personagem César, se refere ao filósofo materialista, renunciando a buscar responder, por não ser pertinente ao discurso retórico, o que é o riso: “(...) onde e como ele se forma, como ele irrompe de uma só veze contra nossa vontade, sem que possamos retê-lo, como ele percorre ao mesmo tempo os flancos, a boca, as veias, o rosto, os olhos, é o que deixo a Demócrito explicar (...)” (CICERON, 1830, p. 429, p.431).

⁵ Segundo Spinelli (2003, 183), a passagem se refere aos caçadores de pérolas, riquezas e tesouros.

Heráclito também foi alcunhado de *filósofo chorão* em razão de sua teoria do fluxo, de que tudo flui como um rio (LEPAGE, 2012, p. 84), devir criticado por Platão (1973, p. 194), no *Crátilo* (440c), comparando os crentes dessa teoria cosmológica do devir a pessoas com catarro. Assim, também com esteio em Samósata (2013, p. 166-167), o epíteto de *filósofo chorão* concerne não tanto à personalidade do filósofo de Éfeso quanto a sua crença no eterno devir, perecível e inconstante, além da paradoxal unidade nos opostos, a denotar relatividade e impossibilidade de apreensão das coisas (LUTZ, 1954, p. 310).

Além disso, Heráclito padecia de hidropisia, edema relacionado ao acúmulo de líquido nas cavidades corporais, ao que se soma, na tradição, a assertiva do peripatético Teofrasto, que atribuiu à melancolia de Heráclito o fato de algumas partes de sua obra terem ficado inacabadas, demais de contradições em outras partes (LAËRTIOS, 2008, p. 251-252). Referida passagem só se torna compreensível ante a advertência de Kirk, Raven e Schofield (2010, p. 189), para quem melancolia (μελαγχολία) significa *impulsividade*, distante, portanto, do sentido moderno do vocábulo, associado à tristeza.

Quando, exatamente, se opôs o riso de Demócrito ao pranto de Heráclito, não se sabe (LUTZ, 1954, p. 311; BAUDRY, 2007, p. 2), embora tenha sido, provavelmente, antes da primeira menção literária à lenda, aquela de Sótion de Alexandria, professor de Sêneca, segundo Estobeu, nos *Florilégios* (20.53) (LUTZ, 1954, p. 311).

É possível que essa dicotomia tenha vindo da teoria heraclitiana da harmonia dos opostos, utilizada pela literatura diatrística no período helenístico (LUTZ, 1954, p. 311). A *euthymia* (εὐθυμία), e, por extensão, o riso democritiano, poderiam ter sido contrapostos à melancolia e, por extensão, ao pranto heraclitiano, valendo assinalar que a misantropia de Heráclito (LAËRTIOS, 2008, p. 251) não pesou na formação dessa lenda, eis que o compadecimento alheio também motivaria o pranto dele.

Para a manutenção harmônica da unidade microcós mica do homem, não se há de compreender o riso sem o pranto, nem, via reversa, o pranto

sem o riso, pois é justamente a tensão a eles intrínseca, móvel e inconstante, que permite a harmonia da dessa unidade, revelando-se como dois aspectos ou duas facetas de um mesmo processo (LUTZ, 1954, p. 312).

Há de se respeitar, nesse diapasão, um estado tensional da própria condição humana que se exprime de modo plúrimo e apenas na aparência se conjuga em contrários irreduzíveis entre si: sublimidade e contingência, prazer e dor, alegria e sofrimento.

No plano ético, a passionalidade, dimensão constitutiva do homem pode comportar as expressões do riso e do pranto. Deve-se afastar, porém, a expressão da ira, a mais terrível e violenta das paixões, conforme Sêneca (2014, p. 3), no *De ira* (Sobre a ira). Na referida obra, em formato epistolar, Sêneca escreve a seu irmão Novato: o sábio pode rir ou chorar (SÊNECA, 2014, p. 16-17). Jamais, porém, se deixar afetar pela ira, pois a julgar pela miríade dos vícios e dos erros humanos, não teria tranquilidade de espírito se deixasse se levar por essa paixão. Sêneca, nesse pormenor, evoca a lendária antítese:

Heráclito, toda vez que saía e via tantos em torno de si a viver mal – mais do que isso, a morrer mal – chorava, compadecia-se de todos que se aproximavam alegres e felizes, sendo terno seu coração, porém frágil demais, e ele próprio estava entre os que deviam ser lamentados. Por outro lado, dizem que Demócrito nunca aparecia em público sem sorrir, tanto não lhe parecia sério tudo que era tratado a sério. Onde há lugar aqui para a ira? Ou se deve rir de tudo ou se deve chorar (SÊNECA, 2014, p. 16).

Ao longo da obra *De tranquillitate animi* (Sobre a tranquilidade da alma), diante das vicissitudes, das falhas, das inconstâncias e das inclinações humanas à desmesura, Sêneca nos convida, ao invés de prantear as misérias ou eliciar o ódio ao gênero humano, a rir desses vícios, diminuindo, por consequência, a importância de tudo com vistas à tolerância e à

benevolência para com o outro: “É mais humano rir-se da vida do que deplorá-la” (2014, p.55-56), afirma esse estoico.

Exercitar o riso neste lugar semântico, portanto, é um meio de exercitar a tolerância em um duplo sentido. O primeiro sentido, negativo, atine à recusa ao ódio e à agressão contra o outro, não raro hiperbolizada quando a ira arrebatada a racionalidade do sujeito.

O segundo sentido, positivo, se revela no reconhecimento da impossibilidade de dominar tudo à volta, o mundo e os homens, do que decorre a descontração de si e a desconstrução da veleidade obsessiva de reduzir ambos a mero objeto de controle e apropriação.

O pranto, queixoso, revela pessimismo, ao passo que o riso pode convidar ao otimismo ou ao humor, elevando a alma a um estado de descontração. Todavia, ao final e sob outra perspectiva, Sêneca (2014, p. 56) aduz ser melhor aceitar com placidez os costumes e os vícios sociais ao invés de chorar ou rir, pela tristeza e inutilidade do primeiro, pela desumanidade em se deleitar com o mal alheio, no segundo caso.

Tal posicionamento frente aos costumes não é o mesmo de Juvenal (século I-II d.C.), que, nas *Sátiras*, traz Demócrito como referente filosófico do riso em relação aos costumes:

Aos filósofos dois, razão não achas,
Que de Casa, em saindo, deparava
De rir um, outro de chorar motivo?
Para os costumes reprender do Povo
É melhor arma o riso; espanto causa
Que o outro para chorar tão pronto fosse (JUVENAL, 1968,
p. 132).

Na referida obra, Juvenal satiriza a ganância e os desejos humanos. Aquilo que as pessoas ambicionam é, segundo o literato romano, justamente o que as traz para a desordem e para os infortúnios. Futilidade, pois, cobre todas elas.

O tema da Sátira X (a obra é composta por 16 sátiras) são os desejos e as ambições, os quais, alcançados, levam os homens a situações indesejadas. O excesso de desejos os prejudica: Sejano, Crasso, Pompeu, César e o *poder*; Cícero, Demóstenes e a *eloquência*; Aníbal, Alexandre, Xerxes e a *glória militar*; Nestor, Príamo e a *longevidade*; Hipólito, Belerofonte e a *beleza*. Exemplos que refletem qualidades, talentos, aspirações alcançadas e desejos satisfeitos que, exatamente por isso, levaram tais homens a destinos indesejados (JUVENAL, 1968; SILVA, 2009, p. 57-58).

Ao final da referida Sátira, aconselhando entregar tudo aos deuses, deseja-se ao leitor “uma alma pura e um ânimo forte” (JUVENAL, 1968, p. 143), por meio do desprezo aos apetites e às paixões, bem assim pela resiliência alegre frente às adversidades. Incita-nos o satírico, pois, à virtude, embora seja comumente preterida pelos homens: “sem interesse, quem virtude abraça?” (JUVENAL, 1968, p. 136).

Tanto nas *Sátiras* como nas *Cartas do Pseudo-Hipócrates*, obra que traz o riso Demócrito como vetor principal na narrativa epistolar, há uma crítica vigorosa aos costumes da época, por meio da qual se questionam valores tidos como altamente desejáveis pela sociedade, porém, contrários à virtude. Contra a ganância e as ambições, a imperturbabilidade da alma. Contra a formalidade e a moralidade tacanha dos costumes, a liberdade de palavra com franqueza incomum, a parrésia.

Um pouco depois de Juvenal, Luciano de Samósata (séc. II d.C.), no texto *Filosofias em leilão*, torna a representar a dupla de filósofos na literatura romana. Na referida obra, Zeus manda Hermes⁶ trazer Demócrito e Heráclito a um eventual comprador, pois pretendia vendê-los conjuntamente. “Dois modelos de vida (...), os dois mais sábios de todos” (SAMÓSATA, 2013, p. 166), que, todavia, ao final não serão vendidos. Indagado pelo comprador porque tanto ria Demócrito, o filósofo de Abdera

⁶ Na mitologia grega, o veloz Hermes, Filho de Zeus e Maia, que gostava de se misturar aos homens, era, a par de outras tarefas, mensageiro dos deuses e intérprete da vontade deles. Para mais detalhes, cf. BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Vol. I. A-I. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 548-552

lhe responde que ria das pessoas e das ações delas, ausentes de importância, referindo-se, ademais, ao movimento dos átomos, ao vazio e ao infinito (SAMÓSATA, 2013, p. 166).

Em seguida, perguntado a Heráclito a razão de tanto chorar, o filósofo de Éfeso faz exsurgir a teoria da unidade nos opostos e do perecimento das coisas, deploráveis e dignas de comiserção:

Lastimo tudo isso, e ainda o facto de nada ser estável, mas tudo se misturar como num caldo, sendo uma e a mesma coisa o prazer e a dor, o saber e a ignorância, o grande e o pequeno, com todas as coisas a mover-se para cima e para baixo e a transmutarem-se nesse jogo da eternidade (SAMÓSATA, 2013, 166-167).

Heráclito, ainda no referido texto, exprime-se de modo enigmático e incita as pessoas a chorarem, contra o que reclama o comprador, pela obscuridade como pela melancolia.

Segundo Baudry (2007, p. 2), essa tradição foi resgatada no Renascimento partir de duas fontes: as *Cartas do Pseudo-Hipócrates* - em circulação no ano de 1486, em Florença (CAIRUS, 2003, p. 74) - e a publicação da Antologia Planudiana, no ano de 1494, na mesma cidade, na qual consta um epigrama sobre essa relação lendária, retomado por Andrea Alciato (1492-1550) no *Livro de emblemas*, em 1531, sob o título *In Vitam humanam* (Sobre a vida humana), correspondente ao emblema 152:

Lamentas mais do que o costume as desgraças da vida humana agora,

ó Heráclito: essa é cheia de um grande número de males.

Tu, ao contrário, se alguma vez caiu em gargalhadas,

ó Demócrito, ela é feita a mais engraçada.

Entretanto, vendo estas coisas, penso: que no final, contigo

eu chore ou, de que modo, contigo eu brinque (ALCIATO, 2016, p. 184).

Na pinacoteca de Brera (Itália), o quadro intitulado *Heraclitus and Democritus*, de Donato Bramante, pintado aproximadamente em 1486, retrata Heráclito à esquerda e Demócrito à direita, com o globo terrestre ao centro.⁷ Em adendo ao argumento acima, pondera-se que a subjetividade presente nos dois filósofos, à frente do globo, tem papel predominante na representação das questões existenciais. Estaria o risinho Demócrito, com seus livros abertos, buscando ensinar o otimismo existencial ou o doce pessimismo a Heráclito, atento às palavras de seu par?



Figura 1 - *Heraclitus and Democritus*⁸

Na mesma quadra renascentista, na França, o cotidiano passional dos dois filósofos, retratado em Sêneca e em Juvenal, é retomado por Michel de Montaigne (2009, p. 371), nos *Ensaio*s. Segundo este renascentista, o riso desdenhoso, por não estimar valor naquilo de que se ri, promove maior justiça e severidade no julgamento das ações humanas, pois se a derrisão nunca é suficiente diante dos vícios, quanto maior o pranto, maior o comprometimento e a injustiça nesse julgamento.

Nesse sentido, o pranto, aliado à piedade e à compaixão, implica uma adstrição valorativa às vicissitudes humanas. Para Montaigne (2009, p.

⁷ Zuffi (2005) destaca a delimitação geográfica do continente africano, que ainda não havia sido circum-navegado, a continuar no polo sul. Aponte-se, nesse sentido, a historicidade que informa as representações culturais das representações geográficas.

374), há muito mais frivolidade que infelicidade, mais estultice e futilidade que maldade, mais ignorâncias que misérias, a sugerir, na linha senequiana, que o riso é mais tolerante e mais justo que o pranto e o ódio.

Nas *Cartas do Pseudo-Hipócrates*, a tolerância do riso de Demócrito choca-se com a intolerância da turba abderita. A desertificação noiética dos habitantes da cidade tentar jogar areia sobre a liberdade do filósofo, falsificando a diferença pelo desacerto, transliterando o desacerto para o desvario. Foi necessário o discurso epistêmico de Hipócrates para silenciar a turba, foi necessário o sábio riso de Demócrito para silenciar a vulgaridade de ambos.

2 O desencontro das terapêuticas

Como prática social que estimula a tolerância, ou, de modo distinto, como prática derrisória, o riso viabiliza, sem utopias nem violências extremadas, a necessária coexistência com o outro em sociedade (PERELMAN; OLBRECHT-TYTECA, 2014, p. 233-234). Bergson (2018, p. 44-45) aduz, nesse sentido, que o riso exsurge justamente da insociabilidade ou da inadaptabilidade social relativa a pessoa de quem se ri, como meio de correção social.

Chegou-se, porém, com o riso de Demócrito, ao ponto mais alto da dissensão em relação à ordinariedade da coexistência: o riso como vetor de desligamento ou de afrouxamento das relações intersubjetivas, de modo que a população de Abdera tivesse de buscar reatar os laços comunitários com o filósofo por meio do renomado médico Hipócrates de Cós (460 a.C. - 377 a.C.), sorte de mensageiro aletúrgico nas *Cartas do Pseudo-Hipócrates*, eis que de tudo ria Demócrito, sem nada explicar a nenhum de seus conterrâneos. Na verdade, a perspectiva bergsoniana do riso como trote social (BERGSON, 2018, p. 45), do coletivo ao individual, inverte-se nessa obra, eis que apenas um ria de toda a turba.

Embora pertença ao *corpus* hipocrático, a referida obra, de meados do século I d.C. (LUTZ, 1954, p. 311), reflete o conhecimento médico e

literário do período helenístico (CAMPOS, 2011, p. 10). Também conhecida como *Sobre o riso e a loucura* ou *O riso de Demócrito*, as *Cartas do Pseudo-Hipócrates* são um conjunto de cartas fictícias concernentes à viagem de Hipócrates para visitar Demócrito em Abdera, cidade da antiga Trácia (sudeste europeu), embora possam ter realmente se conhecido, porquanto contemporâneos (CAIRUS, 2003, p. 74).

Modernamente, a fábula *Demócrito e os abderitas*, de La Fontaine (1756, p. 100-101), a qual faz remissão às *Cartas*, bem demonstra as erroneidades do vulgo contra a errância filosófica do sábio ou, em outras palavras, o erro e a ignorância multitudinários e responsivos contra o acerto que promana da argúcia espiritual daquele que pensa.

A leitura degradou-lhe o espírito, dizem os habitantes de Abdera (HIPÓCRATES, 2011, p. 31), malgrado a suspeição de Hipócrates (2001, p. 34), ao ler as cartas, tenha se voltado, em verdade, contra os próprios abderitas. O choro de Abdera pelo desvario de Demócrito, pela desmesura de rir de tudo, convergia exatamente com o motivo desse riso: apontar as vicissitudes, as estultices e as ignorâncias de seus conterrâneos, que conhecem e praticam os erros como se fosse verdade (HIPÓCRATES, 2001, p. 53-55).

Não há, portanto, razões morais boas ou más para a insurgência do riso derrisório, mas apenas uma: a insensatez, a frivolidade, a inconstância e a ganância que preenche as pessoas, as quais se atormentam inutilmente buscando uma constância inalcançável de plenitude, em caminho contrário daquele conducente à autarquia. Demócrito critica o movimento espiritualmente descoordenado dos que se deixam levar pelos desejos momentâneos, pelas ambições materiais, pelas traições, pelas mudanças e pelas constantes trocas nas relações afetivas, em busca de interesses que, alcançados, escapam novamente (HIPÓCRATES, 2001, p. 53-55).

Em nenhum momento a turba abderita pondera, reflete ou pergunta. Sem ciência nem sensibilidade, reproduzem, tal como títeres, aquilo que mal sabem fazer sozinhos. Senso comum contra hiperfilosofia (CAIRUS, 2003, p. 80). Em nada surpreenderia se, mesmo após as palavras de Hipócrates, o

grande médico que atravessou milênios, os abderitas continuassem, pelo critério moral uniforme, acrítico e subjetivo, a ter Demócrito como tomado pelo desvario.

Nesse sentido, o riso derrisório e a inteligência em compreender que “(...) os homens se ocupam com coisas indignas, honrando e perdendo tempo com o que não tem valor nenhum, consumindo a vida, preocupados com coisas prosaicas e risíveis” (HIPÓCRATES, 2001, p. 53), não é assunto dos que não se interrogam, não criticam, em suma, não pensam por si próprios *a vida e na vida*.

Alguns séculos mais tarde, na Renascença italiana, aurora da modernidade, a insurgência contra as ambições e as veleidades por meio do riso de Demócrito nas *Cartas* foi mobilizada, como crítica ao pranto, em uma disputa retórica travada pelos jesuítas Antônio Vieira (1608-1697) e Girolamo Cattaneo (1620-1685), cabendo ao primeiro, na antítese do riso, a defesa das lágrimas de Heráclito.

3 A disputa retórica entre Antônio Vieira e Girolamo Cattaneo

Na quadra histórica compreendida entre 1669 e 1675, período em que Antônio Vieira esteve em Roma, foi realizada na mesma cidade, em 06 de dezembro de 1674, na Academia da Rainha Cristina da Suécia, uma disputa acadêmica entre o referido jesuíta português e o padre genovense Girolamo Cattaneo. O problema, de natureza universal, foi assim formulado: “o que seria mais razoável, se o riso de Demócrito, que de tudo zombava, ou o pranto de Heráclito, que por tudo chorava” (VIEIRA, 2001, p. 101). Ou seja, “se o mundo é mais digno de riso ou de pranto” (VIEIRA, 2001, p. 101).

Conforme aduz Salomão (2001, p. 62), os dois discursos, Lágrimas de Heráclito (*Le lacrime d'Eraclito*), de Antônio Vieira, e O riso de Demócrito (*Il riso di Democrito*), de Girolamo Cattaneo, são repletos de influências acadêmicas barrocas, a exemplo de contrastes e de antíteses organizadas na forma dialética. Nos séculos XVI e XVII, a figura lendária

dos dois filósofos foi utilizada como representação otimista e pessimista do mundo, influxo histórico do renascimento da cultura antiga, recuperando uma tradição que consubstanciou uma linha de desenvolvimento histórico-cultural própria, notadamente a partir da cultura romana, onde surgiu a referida lenda, como visto acima, expressa, ao longo dos séculos, nas artes, na literatura e na filosofia. Se, porém, na tradição clássica romana até a Renascença, o debate tendeu em favor de Demócrito, no século XVIII o filósofo risonho ficou no “purgatório das Luzes” (RICHARDOT, 2000, p. 197), ao menos para o iluminismo francês que ora o criticou ora mesmo o ocultou, tal a Enciclopédia que trouxe apenas o nome de Heráclito (RICHARDOT, 2001, p. 205).⁹

Segundo Cattaneo (2001, p. 163), quem iniciou o debate a favor do riso de Demócrito, defesa que lhe foi atribuída pela própria Rainha na segunda sessão da Academia Real, o que há de belo e valoroso surge do contraste entre opostos, afirmação retórica em cortejo à filosofia heraclitiana. Conforme o orador genovense (2001, p. 165):

E não são estes um contraste de luzes e trevas jamais visto, um contraponto de lamentos e de risos jamais ouvido, duas antíteses vivas e duas sílabas animadas? Uma, porém, exausta e prostrada pela dor do contínuo chorar, a outra elevada e sublime pela alegria do seu perpétuo sorrir.

Destaca-se a ética como eixo teórico-reflexivo dessa disputa oratória, especificamente ligado ao domínio da prudencialidade ou da razoabilidade, embora o aspecto ontológico ligado às ignorâncias ou às misérias humanas seja relevante na articulação dos elementos do debate. . Um *mundo cão*, pois, do qual Demócrito, segundo Cattaneo (2001, p. 169), teria rido melhor que o cínico Diógenes de Sinope (século IV a.C.).

3.1 A nova escolha de Alexandre o Grande

⁹ (RICHARDOT, 2001, p. 210).

Na referida controvérsia, dentro da estrutura plurissêmica do riso, Cattaneo (2001, p. 169) compara o riso de Demócrito ao riso de Diógenes de Sinope, filósofo cínico que, de modo abrasivo e mordaz, ria daqueles que viviam de acordo com as convenções sociais da época, no século IV a.C., em Atenas e em Corinto (NAVIA, 2009, p. 25).

Segundo Laêrtios (2008, p. 160), conta-se que Alexandre o Grande teria dito preferir ser Diógenes, não fosse ele próprio. Aduz Cattaneo, porém, que o rei macedônio teria, com mais verdade, aderido ao riso de Demócrito, por ser “um riso mais régio, mais heroico, que ao desprezar tudo torna o homem superior a tudo (...)” (CATTANEO, 2001, p. 169).

Em obra francesa do século XII, *Le roman d'Alexandre* (O romance de Alexandre), na qual se narram feitos e aventuras do rei macedônio, transmitidas ao longo dos séculos em várias culturas, há uma história interessante relacionada ao riso, retratada por Courcelles (2014). Antes de conquistar a Índia, teria Alexandre, o Grande, perto do encontro do rio Ganges com o Oceano Índico, descido ao fundo do mar, dentro de uma embarcação de vidro na forma de um barril, e contemplado as relações predatórias entre os peixes mais fortes e mais fracos (“este mundo está mesmo danado e perdido” diz o rei (COURCELLES, 2014, p. 326).

Pessimismo inicial, todavia, logo transfigurado em riso, não humorístico nem irônico, mas um riso alegre e afirmativo, advindo da lucidez e da robustez intelectual ao decifrar o real sob os pés dos homens, ou seja, a crueldade das leis da sobrevivência entre os seres marinhos, lição tomada para não incidir em falhas e armadilhas na guerra contra Porus, rei da Índia (COURCELLES, 2014, p. 326-227). Alexandre “se embriagou de poder, alto e fundo, fundando nosso mundo”, como verseja Caetano Veloso, em música que leva o nome do próprio rei.

Teria Alexandre, com efeito, aderido ao riso de Demócrito, um riso alegre que advém, igualmente, de determinada compreensão da natureza: a formação de todas as coisas resultante da mera combinação de átomos, relação cósmica que antecede a simetria da alma, na perspectiva materialista

deste; as leis que regem as relações predatórias entre os seres vivos, na perspectiva daquele.

Os risos derrisórios de Demócrito e de Diógenes, assim como o riso afirmativo e alegre de Alexandre o Grande, têm, apesar das diferenças, um traço de origem comum: o distanciamento do ordinário, do cotidiano ou do automatismo social, seguido da imantação ou da aspiração de uma verdade oculta, aletúrgica ou epistemológica, que, após adentrar o espírito, transborda da boca em sons que desestruturam e superam a estabilidade do mundo.

Entre os risos de Demócrito e de Diógenes há, todavia, uma diferença sensível que reflete modelos éticos diferenciados: a tônica do humor presente no primeiro não se confunde com a tônica da ironia no segundo. Voltando à disputa oratória, como Antônio Vieira ataca o riso de Demócrito? O humor tenaz e agudo de Demócrito seria na verdade, paradoxalmente, pranto?

3.2 O humor e o paradoxo no riso democritiano

O riso de Demócrito desliza, notadamente, sobre as formas do humor, ao passo que o riso de Diógenes desliza, principalmente, sobre as formas da ironia. Essa diferenciação guarda implicações éticas de relevo, na medida em que aponta para diferentes qualidades de intersubjetivação.

Como ensina Comte-Sponville (2016, p. 231), a virtude do humor não se confunde com ironia. A ironia é uma arma contra outrem, manejo racional da agressividade para ferir a outra pessoa, ainda que possa se voltar, em última análise, ao cuidado do outro.

O humor, a seu turno, desarma e ri sempre de si - caractere da interioridade ou da reflexividade -, levando o sujeito à humildade e ao riso libertador e alegre, porquanto torna melhor a vida ao amenizar ou ao adoçar as misérias do mundo, desempenhando, pois, uma função terapêutica, tão eficaz quanto maior a profundidade com que ele, o humor, alcança as dimensões existenciais do homem, nomeadamente, seus valores e suas

práticas mais arraigados (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 237). Isso porque o humor envolve a capacidade de distanciar de si mesmo (SALIBA, 2016, s.p.), ou seja, de descentramento de si conducente ao abafamento da arrogância e do egocentrismo.

O humor extrapola a racionalidade para confirmar uma atitude existencial que atribui fineza ao *nonsense* (PAVIS, 2015, p. 60). Entre riso e racionalidade não há, pois, como à primeira vista pode parecer, uma relação antitética. Antes, o riso supõe perspicácia e criticidade advinda do distanciamento da naturalidade e do ordinário (ARAPIRACA, 2017, p. 84), interligando sentidos em uma perspectiva temporal diminuta e concentrada.

A retórica humorística em Demócrito vale-se do riso como renúncia à gravidade, como advertência em relação às transitoriedades mundanas que os homens insistem em fazer eternas, como o poder e o dinheiro, dupla não raro vista com desconfiança pelos filósofos que se ocuparam em pensar no que consiste uma vida boa.

Se nas *Cartas do Pseudo-Hipócrates*, Demócrito não faz saber aos seus conterrâneos o motivo de suas gargalhadas, isso não descaracteriza o humor, talvez mesmo o reforce, juntamente com uma pitada de ironia. Entre a seriedade do sentido e o absurdo do disparate, o humor oscila. Nas palavras de Comte-Sponville (2016, p. 237):

Sentido demais ainda não é humor (será muitas vezes ironia); muito pouco sentido já não o é (não passa de absurdo). Encontramos novamente aqui um meio-termo quase aristotélico: o humor não é nem a seriedade (para a qual tudo faz sentido), nem a frivolidade (para a qual nada tem sentido). Mas é um meio-termo instável, ou equívoco, ou contraditório, que desvenda o que há de frívolo em toda seriedade, e de sério em toda frivolidade.

Dessa forma, o humor não é refém da ânsia em controlar o mundo, reflexo de alguma dose de irracionalidade e de leveza presente neste estado

de espírito. Além disso, há a salutar desaprendizagem que a constatação do absurdo pode oferecer, a estimular novos caminhos, perspectivas e reaprendizados a partir de uma atitude agradável e lúcida do espírito.

Fora do instrumental da racionalidade voltado ao domínio do mundo e do próximo, o riso de Demócrito volta-se contra a ambição, vício estimulado, todavia, segundo Cattaneo (2001, p. 173), pelas lágrimas de Heráclito, pois se chora apenas o que se perdeu e o que se ama profundamente, como as riquezas materiais, inobstante a fragilidade e a efemeridade de tais bens, convertidos, na perda destes, em tribulação dos olhos.

O pranto, portanto, desvela, fomenta e estimula o vício da ambição, ao passo que o riso se mostra virtuoso na medida em que desdenha dos bens que são efêmeros, a serem tidos no máximo como meios e não como metas, verdadeiro e altaneiro regulador da virtude imune à embriaguez da ambição e da cobiça (CATTANEO, 2001, p. 171).

Chora Heráclito as misérias humanas pela privação ou tolhimento dos gozos e riquezas deste mundo, mas “a perda desses bens frágeis e efêmeros vale uma lágrima?” (CATTANEO, 2001, p. 171). O vale de lágrimas no qual Cattaneo mergulha é apenas o da purgação dos pecados, da purificação da alma, apenas este. Aliás, Cattaneo (2001, p. 181-183) reconhece dois gêneros de riso, um, proveniente do júbilo (erro e desmesura), o outro, advindo do desprezo (retidão e razão).

O pranto, ademais, reforça a fraqueza humana no sentido de diminuir a tranquilidade de espírito e a resiliência face às adversidades, intensificando a dor e a vulnerabilidade do sujeito, a diferir, pois, do riso alegre e corajoso de Demócrito, porquanto este “(...) faz homens não lamuriosos mesmo sob os tormentos e opressões da vida. Pois nada teme quem nada preza e é superior a tudo quem de tudo ri” (CATTANEO, 2001, p. 177).

Nesse viés, apontando para a simplicidade do caminho para se chegar à virtude do riso, aduz o mencionado padre genovense (2001, p. 183):

Qual a necessidade de cavalgar as nuvens, de escalar as esferas celestes e descansar sobre as estrelas para aprender a desprezar a terra recolhida em algum ponto? Para que empreender um tão grande vôo se apenas um riso de Demócrito continha tão salutar meditação?

Para Vieira (2001, p. 107), quem defende o pranto de Heráclito na referida disputa oratória, o riso nasce da boca e da eloquência, ao passo que o pranto nasce mudo, dos olhos.

O pranto provém da racionalidade, da observação e da compreensão das misérias do mundo. Desse modo, “(...) se a primeira propriedade do racional é o risível, o exercício próprio do mesmo racional e o uso da razão é o pranto” (VIEIRA, 2001, p. 145). Nesta senda, argumenta Vieira (2001, p. 109), quem conhece o mundo, chora, e quem ri ou não chora, não o conhece. Conforme o jesuíta português:

Que é este mundo, senão um mapa universal de misérias, de trabalhos, de perigos, de desgraças, de mortes? E à vista de um teatro imenso, tão trágico, tão funesto, tão lamentável, aonde cada reino, cada cidade e cada casa continuamente mudam a cena, aonde cada sol que nasce é um cometa, cada dia que passa um estrago, cada hora e cada instante mil infortúnios, que homem haverá (se acaso é homem) que não chore? Se não chora, mostra que não é racional; e se ri, mostra que também são risíveis as feras (VIEIRA, 2001, p. 109).

Ora, como Demócrito, excelso filósofo, então, ria deste mundo? Vieira adota a estratégia retórica do paradoxo envolvendo o riso e o pranto, afastando e relativizando, de certo modo, a perspectiva dicotômica e caricatural que permeia as duas representações de mundo (COSTA, 2018, p. 453). Para Vieira (2001, p. 111), Demócrito não ria; chorava, porém de

outro modo. Não ria justamente porque *sempre* ria, eis que o riso, na tradição greco-romana, nasce do novo e da admiração, de modo que o ridículo alçado à repetição se descaracteriza como tal, insubsistente, portanto, diante do ordinário das misérias mundanas.

Além disso, o riso advém da agradabilidade e do contentamento, contrariamente ao suposto riso de Demócrito, que nasce do desagrado. Chorava rindo, estranha e mordazmente, pela boca, lágrimas advindas, em última análise, da dor do filósofo de Abdera, ferido no peito pelos golpes do mundo (VIEIRA, 2001, p. 119). Nesse sentido, Baudry (2007, p. 3), que estudou a presença da lenda de Demócrito e Heráclito na literatura espanhola dos séculos XVI e XVII, aponta que em ambos há melancolia, pois o riso de Demócrito seria um riso triste.

Nesse quadro, Vieira concebe uma gradação nas combinações entre pranto, lágrimas e riso: “há chorar com lágrimas, chorar sem lágrimas, e chorar com riso” (VIEIRA, 2001, p. 113), sendo a primeira combinação a de dor mais moderada e a terceira de dor mais elevada. Nas palavras do orador, “(...) se a excessiva alegria é causa do pranto, a excessiva tristeza por que não será causa do riso?” (VIEIRA, 2001, p. 117).

O riso de Demócrito pode ser concebido como “escárnio das ignorâncias humanas” (CATTANEO, 2001, p. 199-201), bem mais numerosas que as misérias. Porém, aduz Vieira (2001, p. 123), se Demócrito ria das ignorâncias e Heráclito pranteava as misérias, maior razão assiste ao segundo, pois neste mundo muitas misérias não são ignorâncias, ao passo que toda ignorância, toda lacuna de razão, comporta alguma miséria. Essa relação entre a preponderância das ignorâncias sobre as misérias humanas, ou vice-versa, é determinante, ao longo da história da cultura ocidental, na adesão ao riso ou ao pranto como a melhor atitude existencial. Em suma, rir das ignorâncias, com Demócrito, ou chorar pelas misérias, com Heráclito.

Na tradição cristã, as lágrimas são exaltadas como signo de purificação da alma. Como assinala Lévi (2008, p. 23-24), as lágrimas relacionam o corpo com a alma, refletindo uma multifária e complexa realidade espiritual, inobstante relegada ao segundo plano na filosofia,

mercê do *logos* sobre o *pathos* na tradição filosófica ocidental. Ao riso, lado contrário, foi dado um sentido negativo, eis que diabolizado pelo cristianismo, sendo associado ao pecado original e ao afastamento da perfeição particular de cada um (MINOIS, 2003, p. 112).

Espelhando a ode às lágrimas do cristianismo, no *Sermão das lágrimas de São Pedro*, pregado por Vieira em 1669 na catedral de Lisboa, antes, portanto, de *As lágrimas de Heráclito*, de 1674, o tema é a conversão, em específico, as lágrimas como sinal de conversão e de “sinceridade do coração” (LEVI, 2008, p. 27). Nesse discurso, Vieira (2008, p. 224-225) exorta o leitor / ouvinte a chorar os pecados e, por meio das lágrimas, lavá-los e purificá-los, desempenhando os olhos duas funções: ver e chorar.

Lágrimas há por causa do ver, “triste princípio do chorar” (VIEIRA, 2008, p. 216). Porque se vê, se peca. Porque se peca, se chora. O princípio e origem de todas as lágrimas é o pecado original, que decorre de Eva ter visto a árvore proibida. O pranto, assim, associa-se à natureza humana desde a nasença bíblico-mítica como biológica, atravessando as etapas temporais da existência humana (VIEIRA, 2008, p. 215-216).

Para o jesuíta português, ver e chorar são funções incompatíveis, no sentido de que não podem ser exercidas ao mesmo tempo. Quando se vê não se pode chorar; quando se chora não se pode ver. Biblicamente, Vieira reporta-se à conversão de Pedro. Após negar Jesus por três vezes, antes que o galo cantasse, conforme predição, Pedro viu Jesus, lembrou-se do que lhe dissera, e só depois, saindo da casa de Caifás, chorou amargamente e assim continuou em uma cova, segundo alguns eclesiásticos, a fim de continuar a chorar, pois que a escuridão ali lhe impedia de ver (VIEIRA, 2008, p. 221-222).

Valendo-se do mar como imagem metafórica, assim se exprime Vieira:

Vistes já nas barras do mar encontrar-se a força da maré com as correntes dos rios? E porque o peso do mar é mais poderoso, vistes como as ondas entram e os rios param? Pois o mesmo

passa nos nossos olhos. Todos os objetos desse mar imenso do mundo, e mais os que mais amamos, são as ondas, que umas sobre as outras entram pelos nossos olhos, e ainda que as lágrimas dos mesmos olhos tenham tantas causas para sair, como o sentido do ver pode mais que o sentimento do chorar, vemos quando havíamos de chorar, e não choramos, porque não cessamos de ver (VIEIRA, 2008, p. 221).

Exercer o pranto, portanto, é exercer um papel que, esteira da dogmática cristã, não subverte, não contesta e se dobra, do que difere o riso, forma de comunicação irrequieta, potencialmente subversiva. Deveras, o cristianismo não concebe a felicidade terrena como lugar central nas considerações sobre as finalidades da vida carnal. Antes, concebe esta última como momento de provações e sofrimentos, como preparação para uma salvação *post-mortem*, onde reside a verdadeira felicidade: “os olhos que chorarem na terra, verão no céu; os olhos que quiserem ver na terra, chorarão no inferno (...)” (VIEIRA, 2008, p. 224).

4 Afinar a lira e regular o arco: convite ao rei, ao bedel e ao juiz

Como crítica ao sorriso esmaltado da sociedade contemporânea do consumo e da espetacularização, deve-se recorrer ao argumento de Vieira (2001, p. 111), no sentido de que quem ri ou sorri o tempo todo, na verdade está chorando. Tomando por empréstimo o referido argumento, a imposição dura e rigorosa de que se tem sempre de ser feliz para si e para os outros gera o efeito reverso da infelicidade.

Destacando aspectos problemáticos da ciência da felicidade lastreada na psicologia positiva, que influencia sobremaneira o *ethos* contemporâneo, Cabanas e Illouz (2019, s.p.) chamam atenção para as fragilidades epistemológicas dessa ciência, a individualização alienante do coletivo na busca dessa felicidade, a polarização ou incomunicabilidade entre a felicidade e o sofrimento cumulada com a plena e livre possibilidade de

escolha do sujeito, além do seguinte problema fenomenológico, relacionado à reversão acima referida:

Dado que a felicidade é definida como uma meta imperativa, embora móvel, sem uma finalidade clara, produz uma nova variedade de ‘buscadores da felicidade’ e de ‘felicondríacos’ ansiosamente concentrados no seu eu interior, sempre preocupados em corrigir as suas falhas psicológicas e aperfeiçoamento pessoais. Por conseguinte, enquanto a felicidade se transforma assim num perfeito bem transacionável para um mercado que vive de normalizar a nossa obsessão pela saúde mental e física, é fácil tal obsessão virar-se precisamente contra as pessoas que põem todas as suas esperanças nos muitos tipos de produtos, serviços e terapêuticas da felicidade que lhes oferecem acadêmicos, profissionais e os chamados ‘especialistas do bem-estar’ (CABANAS; ILLOUZ, 2019, s.p.).

Diante de tais considerações, há de se respeitar um estado tensional da própria condição humana que se exprime de modo plúrimo e apenas na aparência se conjuga em contrários irreduzíveis entre si: sublimidade e prosaísmo, prazer e dor, alegria e sofrimento. A elaboração dessas experiências é o que aperfeiçoa a prudência e a sabedoria no sentido de se regularem tais paixões. Desse modo, a tirania da felicidade, como ideal universalizável e moralizado na sociedade contemporânea, conduz à desarmonia do homem, a uma assimetria da alma, no sentido da eutimia democritiana.

Tal imperativo totalizante transforma-se em ideal inatingível, por isso a tristeza tomar o lugar da felicidade que, desse modo, concebida, não se alcança ou, quando muito, nela resvala. Demócrito ria dessa felicidade às avessas, desse problema da verdadeira vida que se exprime - e mal - de um só lado, lado que, aliás, não representa nenhum dos polos da lenda.

Poder-se-ia, contudo, perguntar se não haveria contradição em, de um lado, constatar a pulverização de referentes axiológicos própria de um mundo problemático (FABRE, 2011, p. 97) e, de outro, assentar a primazia codificada da tirania da felicidade na contemporaneidade. Parafraseando *João e Maria*, composta por Sivuca e escrita por Chico Buarque, justamente agora que se é rei, bedel e juiz, deve-se impor uma lei em que se é obrigado a ser feliz?

Uma tentativa de harmonizar essa aparente contradição reside na força com a qual as diferentes variantes axiológicas influenciam a vida social e individual. Embora tudo possa ser problematizado, embora não exista absolutos, isso não significa que não haja assimetrias de força no tocante à influência desses valores na realidade, os quais veiculam diferentes concepções de mundo em disputa na sociedade.

Por exemplo, a legitimidade moral da felicidade, suportada por uma leitura individualista desta, é comumente atrelada ao consumo e à consequente circulação dinâmica de bens e serviços, em que se tenta confundir toscamente exibição com exuberância espiritual, demais da valorização mercadológica ou da comodificação dos próprios sujeitos como condição destes para plena integração à sociedade (BAUMAN, 2008, p. 76).

Afinal, freio na boca é para os cavalos, os quais não buscam felicidade, tampouco invejam aqueles em estado de felicidade, diz o gênio contemporâneo. Exibindo inigualável simetria dental, assim nos exorta ele: “Libertemo-nos das artimanhas menores do comedimento sisudo, prudencial ou não, pouco importa! Gargalhemos ostentando o champanhe; antes, porém, de estourá-lo, miremos a rolha nos rostos sérios das fotos de antanho, fardo para paredes de tinta nova. Derramemos o saboroso álcool naquela sobriedade demasiado profana que mal se aguenta, azedada pelo tempo de trás. Façamos isso! Escarro e escárnio contra o tempo passado, talvez valha um *like*! Entrementes, deixemos o azeite brilhar a salada, ondulemos o sumo das oliveiras no prato garboso, a fazer par com o brilho dos cristais e das luzes douradas às quais a incômoda tristeza insiste em se antepor”.

Para as maçãs eternas do rosto, a simplicidade é atrofia existencial. A modéstia, embrulhamento injustificado de dentes que poderiam, na verdade, embrulhar ou seduzir o outro. Sorrir, não de rir e sorrir, com ou sem halitose, enquanto o sorriso não for interior, enquanto houver outro para impor padrões morais de felicidade, embora a felicidade espiritual nos convide apenas a ser nós mesmos (DEVILLAIRS, 2012, p. 344).

Basta, todavia, contra tudo isso, manusear o atlas das experiências humanas (KLARE; SWAAIJ, 2004), para reconhecer não há apenas o mapa da felicidade, que é impossível percorrer a totalidade dos caminhos e dos lugares dos mapas sem encontrar risos e prantos, demais de não haver caminhos únicos, porquanto a experiência é singular, inalienável e indeclinável.¹⁰

Essa alteridade está no riso de Demócrito, pleno de humor derrisório. Caracteriza, igualmente, o pranto de Heráclito, compadecido das misérias

¹⁰ Nos mapas do referido atlas, o rio das Lágrimas tem como nascedouro o lago Misturar, único nessa região, envolto pela vila do Feio, pela cidade pequena do Belo e pela vila do Ódio, as três situadas entre região de planalto (alturas emocionais) e áreas de cultivo (trabalho espiritual). A vila do Ódio leva, por sua vez, à vila Sem Palavras, esta última situada na floresta Além das Palavras.

O mesmo rio das Lágrimas, que margeia florestas e áreas de cultivo, seguindo seu curso, chega à vila da Piedade, localizada na floresta Receber, para, após, desembocar em mar de águas rasas, as quais dividem, com águas mais profundas, o farol da Luz.

Acima e não muito longe do rio das Lágrimas, o rio da Inspiração, após a pequena cidade de Boa Ideia, encontra-se com o rio da Eloquência e forma o rio das Palavras, perto da metrópole Desabrochar, que leva à vila da Apreciação, e, por sua vez, à vila do Feio, perto da cidade do Belo.

A jusante da referida metrópole, o rio das Palavras ganha o nome de rio da Poesia, onde, perto da metade de sua extensão, uma ponte o cruza, por meio da qual se chega à vila Exultante ou, do outro lado, à vila das Carícias. A vila das Carícias leva, por sua vez, à cidade grande de Proposta, que dá caminho à cidade pequena de Risada, na floresta Dar.

Risada leva à pequena cidade de Beijo, localizada na metrópole Exportação. Do outro lado do rio onde está Risada, tem-se a cidade pequena de Sorriso, já localizada na floresta Receber, assim como, abaixo de Sorriso, a cidade de Adeus e de Silêncio, não distante da metrópole da Importação.

De Risada, por meio de uma longa ferrovia de bitola estreita, entre florestas e áreas de cultivo, chega-se a metrópole Tochar, embora se possa ir a ela por meio da cidade grande Intenso, passando antes pelas vilas de Carícias e de Encontro. De Tochar, percorrem-se vilas e cidades como Desejo, Êxtase, Rendição, bem assim margeiam-se vulcões como Fogoso, Flamejante e Chispas, estes não muito longe do Pico da Imprudência, até chegar à outra Metrópole, Vulnerável, que conduz, ao final, pela mesma ferrovia, à capital do Crescimento. Outra via para se chegar a Crescimento é descer do trem em Vulnerável e tomar o caminho para a cidade grande de Entusiasmo.

Todos esses caminhos e lugares representam possibilidades de construção e de vivência das experiências humanas por meio das emoções, sem que se ocultem as sinuosidades da alegria e tristeza, do prazer e da dor, do riso e do pranto.

humanas. O riso de Demócrito é talvez a antípoda dessa felicidade idealizada como *topos* a ser atingido, do qual se pode apropriar, fincar bandeira e contemplar, permanentemente, a humanidade abaixo e distante dele. É dessa ambição desmedida que Demócrito ri, é por essa ambição ilusória que Heráclito chora, nesse mundo onde cada sol que passa é um cometa, como disse Vieira (2001, p. 109).

4 Considerações finais

A lenda estudada e todo o construto cultural milenar que nela se apoiou, em diferentes registros axiológicos, embora não representem a totalidade fático-histórica dessa dicotomia passional, apresenta um complexo de dados históricos no sentido de polarizar e ao mesmo tempo relativizar a disputa entre o riso de Demócrito e o pranto de Heráclito. De acordo com a heraclitiana da harmonia dos opostos, que como ter influenciado a formação da lenda (LUTZ, 1954, p. 311), sem os opostos não há a unidade, invisível e oculta, verdadeira constituição das coisas (KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 2010, p. 199). Assim, no plano antropológico e microcósmico, a unidade da vida humana harmoniza-se, por exemplo, pelo tensionamento do espiritual com o físico, tal como as imagens metafóricas do arco e da lira (JAEGER, 2013, p. 223).

Em Sêneca, no *De Ira* como no *De tranquillitate animi*, a fragilidade da condição humana, os desejos, os vícios e as falhas, de si como dos outros, nos convidam à humanidade do riso diante das ignorâncias humanas. Trata-se de uma condição ontológica do homem que não se coaduna com a tirania esmaltada de uma felicidade metrificada, moralizada em dever e homogeneizada em uma cultura que se arroga promotora da diferença. É, antes, uma afirmação positiva e não agressiva da vida, de um doce pessimismo, que se harmoniza com uma existência lúcida e verdadeira, perspectiva bem distante da negação brutal e aterrorizada da experiência da tristeza e das lágrimas.

Em Juvenal, na Sátira X, a antinomia da felicidade é explorada em maior intensidade, no sentido de que o atingimento ou a realização dos desejos e das ambições sociais, muitas vezes impulsionadas pelos outros, equivale à transposição de uma linha que leva às agruras, às insatisfações e aos estados indesejados. Já nas *Cartas*, faz-se, igualmente, forte crítica à vacuidade dos desejos humanos, com destaque para a acumulação e o consumo excessivo de bens, em que os desejos, logo que satisfeitos, são prontamente substituídos por outros.

Em exata sinergia com Demócrito, Cattaneo, exorta-nos a desprezar ou a relativizar o apego aos bens que são efêmeros, e justamente, por isso, não valem uma lágrima, reflexo da ambição e dos desejos vãos, pois se chora apenas o que se perdeu, diferentemente do riso que fortalece o homem diante do mundo, embora a lucidez sobre a fragilidade da condição humana esteja igualmente presente.

Referida lenda fornece um suporte cartográfico histórico-cultural de mais de dois milênios, além de abranger e de combinar diversos campos da experiência humana, como literatura, filosofia, retórica e arte, em contraposição à tirania da felicidade que se impõe nas sociedades contemporâneas, da qual o humor derrisório de Demócrito não saberia deixar de rir, apontando rotas, diferentes da busca pela felicidade permanente que, não tarda, revela-se amarga, ao invés do doce pessimismo saboreado por Demócrito.

Se hoje o riso é enaltecido pela sociedade, como expressão de uma felicidade cintilante e constante que deve ser projetada sobretudo para os outros, na realidade ou em meios virtuais, isso não significa que Demócrito esteja nesse barco.

Ao contrário, seguro em terra, Demócrito acena para os que nele velejam sem rumos certos, com alguns mapas, sem autoria nem contornos precisos, algumas bússolas desreguladas, vendidos a alto custo por mercadores que dizem já terem trilhado e concluído as rotas para o tesouro da felicidade. Demócrito volta-se para trás e chama Heráclito, que, embora renitente a princípio, se junta a ele para ver a embarcação cheia e

barulhenta, encolhendo-se abaixo do pôr do sol à medida que se afasta dos dois filósofos. Uma lágrima vai ao chão, um sorriso se esboça. Doce pessimismo.

Referências

ARAPIRACA, Mary de Andrade. *Riso e educação: prólogo de uma paideia*. Salvador: EDUFBA, 2017.

ALCIATO, Andrea. Livro de emblemas. *In*: SAUKA, Mariana Yelena. *O livro de emblemas de Andrea Alciato: apresentação e tradução*. 2016. Dissertação (Mestrado em História da Arte) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2016. f. 83-202. Disponível em: <http://www.repositorio.unifesp.br/handle/11600/46221>. Acesso em: 30 jul. 2020.

BARNES, Jonathan. *Los presocráticos*. Madrid: Cátedra, 2000.

BAUDRY, Bérénice Vila. *Le rire de Démocrite et le pleurer d'Héraclite: la figure des philosophes de l'Antiquité dans la littérature espagnole des Siècles d'Or*. Position de thèse (Doutorado em Études hispaniques) - Université de Paris IV, Paris, 2007. Disponível em: http://lettres.sorbonne-universite.fr/IMG/pdf/VIAL-BAUDRY_Position.pdf. Acesso em: 30 jul. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. São Paulo: Edipro, 2018.

BRAMANTE, Donato. *Democritus and Heraclitus*. Pintura. 102 x 127 cm. Disponível em: <https://pinacotecabrera.org/en/collezione-online/opere/heraclitus-and-democritus/>. Acesso em: 30 jul. 2020.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Vol. I. A-I. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CABANAS; Edgar; ILOUZ, Eva. *A ditadura da felicidade*. Lisboa: Temas e Debates, 2019. Disponível em:

<https://www.temasedebates.pt/produtos/ficha/a-ditadura-da-felicidade/23538665>. Acesso em: 06 dez. 2020.

CAIRUS, Henrique Fortuna. A fala razoável da loucura: o riso de Demócrito. *Calíope: presença clássica*, v. 11, p. 74-81, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/caliope/issue/view/1488/showToc>. Acesso em: 02 jan. 2020.

CAMPOS, Rogério de. Introdução. In: HIPÓCRATES. *Sobre o riso e a loucura ou o riso de Demócrito*. São Paulo: Hedra, 2011. p. 9-28.

CARTLEDGE, Paul. Demócrito: *Demócrito e a política atomista*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CATTANEO, Girolamo. O riso de Demócrito. In: VIEIRA, Antônio. *As lágrimas de Heráclito*. São Paulo: Ed. 34, 2001. p. 157-203.

CICÉRON. *Oeuvres complètes de Cicéron. Dialogues de l'Orateur*, Paris, C.L.F. Panckoucke, 1830. Disponível em: <https://play.google.com/store/books/details?id=y15DAAAAYAAJ&rdid=book-y15DAAAAYAAJ&rdot=1>. Acesso em: 30 jul. 2020.

COSTA, Admar Almeida da. As contradições do mundo e a unidade do discurso: filosofia e retórica em Antônio Vieira. *Revista Educação e Filosofia*, v. 32, n. 65, mai./ago. 2018 (*ahead of print*). Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/39949/26012>. Acesso em: 30 jul. 2020.

COURCELLES, Dominique de. [When the Greek King Alexander the Great Laughed in India: The Rhetoric of Laughter and the Philosophy of Living](#). *Philosophy and Rethoric*, v. 47, n. 3, p. 323-333, 2014. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/552277>. Acesso em: 30 jul. 2020.

COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERRY, Luc. *Aprender a viver: sabedoria para novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. O cultivo do ódio*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HIPÓCRATES. *Sobre o riso e a loucura*. São Paulo: Hedra, 2011.

HUSSEY, Edward. Heráclito. In: LONG, A.A. (org.). *Primórdios da filosofia grega*. 2 ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2008. p. 139-166.

JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JUVENAL. *Sátiras*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.

KIRK, G.S.; RAVEN J.E.; SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos: história crítica com selecção de textos*. 7 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

LAËRTIOS, Diôgenes. *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*. Brasília: Universidade de Brasília, 1988.

LEPAGE, John L. Laughing and Weeping Melancholy: Democritus and Heraclitus as Emblems. In: LEPAGE, John L. *The Revival of Antique Philosophy in the Renaissance*. New York: Palgrave Macmillan, 2012. p. 81-135. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=WfLdl4LhMc0C&dq=Laughing+and+Weeping+Melancholy&hl=pt-BR>. Acesso em: 30 jul. 2020.

LÉVI, Florence. Voir ou pleurer: Les larmes du père António Vieira. *Reflexão*, v. 33, n. 93, p. 23-30, 2008. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/view/3040>. Acesso em: 30 jul. 2020.

LUTZ, Cora E. Democritus and Heraclitus. *The Classical Journal*, v. 49, n. 7, p. 309-314, apr. 1954. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3292600?seq=1>. Acesso em: 30 jul. 2020.

MANSFELD, Jaap. Fontes. Heráclito. In: LONG, A.A. (org.). *Primórdios da filosofia grega*. 2 ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2008. p. 65-89.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais*. Paris: Gallimard, 2009.

NAVIA, Luis E. *Diôgenes, o Cínico*. São Paulo: Odysseus, 2009.

ONFRAY, Michel. *Contra-história da filosofia: as sabedorias antigas*, I. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz. A felicidade enquanto simetria da alma em Demócrito. *Boletim do CPA*, n 20/21, p. 167-189, jul. 2005/ jul. 2006. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/cpa - 20-21 - senha - novembro 2017.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2020.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SALIBA, Elias Thomé. Treze obras para conhecer a história cultural do humor. In: *Guia bibliográfico da FFLCH* [S.l: s.n.], 2016. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/2017-11/Histo%CC%81ria%20cultural%20do%20humor.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2020.

SALOMÃO, Sonia N. Introdução. In: VIEIRA, Antônio. *As lágrimas de Heráclito*. São Paulo: Ed. 34, 2001. p. 7-93.

SAMÓSATA, Luciano de. Filosofias em leilão. In: SAMÓSATA, Luciano de. *Luciano [IV]*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 157-178. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/29944/8/E-book Luciano IV.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2020.

SÊNECA. *Sobre a ira. Sobre a tranquilidade da alma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SILVA, Amós Coêlho da. A sátira X, de Juvenal. *Principia*, n. 18, p. 53-59, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/8156>. Acesso em: 30 jul. 2020.

SPINELLI, Miguel. *Filósofos pré-socráticos: primeiros Mestres da filosofia e da ciência grega*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

STÖRIG, Hans Joachim. *História geral da filosofia*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VIEIRA, Antônio. *As lágrimas de Heráclito*. São Paulo: Editora 34, 2001.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Volume II. Tomos IV, V e VI. Porto: Lello & Irmão. 1959.

ZUFFI, Stefano. *European Art of the Fifteenth Century*. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/>. Acesso em: 30 jul. 2020.

Submetido em: 03/08/2020

Aceito em: 30/12/2020

Publicado em: 02/02/2021